Master Negative
Storage Number

OCI00047.12

Historia do Principe Milan e da Princeza Helena

Porto

[189-?]

Control Number: BGO-1550
OCLC Number : 25141921
Call Number : W 381.5698 P8381 no. 12
Title : Historia do Principe Milan e da Princeza Helena.
Imprint : Porto : Livraria Popular Portuense de Antonio J. Fernandes, [189-?]
Format : 15 p. ; 25 cm.
Note : Cover title.
Note : Title vignette (woodcut).
Subject : Chapbooks, Portuguese.

LITTERATURA POPULAR
N.º 2

HISTORIA
DO
PRINCIPE MILAN
E DA
PRINCEZA HELENA



PORTO — LIVRÁRIA POPULAR PORTUENSE — EDITORA
DE
ANTONIO J. FERNANDES

44, LARGO DOS LOYOS, 45

HISTORIA

DO

PRINCIPE MILAN

E DA

PRINCEZA HELENA

Existiu ha muitissimos annos um rei, chamado Kojata, cujo grande desgosto era não ter filhos, sendo casado havia tres annos com uma senhora que o amava e a quem elle muito queria.

Na esperança de se distrahir do seu pezar, partiu para visitar as diversas provincias do seu reino situado para além da Russia.

Depois d'uma viagem d'alguns mezes, resolveu regressar á sua capital.

Um dia, fatigado pelo calor, mandou levantar a sua tenda em pleno campo para esperar a viração da noite.

Tinha sêde, e não encontrando agua por alli perto, montou a cavallo para a ir procurar.

A uma curta distancia do seu acampamento, descobriu um limpido riacho, á tona do qual fluctuava uma taça de ouro.

O rei precipitava-se para aquella agua convidativa e quer agarrar a taça, mas ella foge-lhe.

Faz novas tentativas e sempre o mesmo resultado.

— Ah! sim!... exclamou elle. Ora agora, vamos a vêr se te apanho ou não!...

E vendo a agua tão tranquilla e a taça immovel na sua superficie, estende as duas mãos para a agarrar e vê-a desapparecer.

— Ora vae para o demonio, disse Kojata, passarei sem ti.

Ajoelhou-se no chão e curvando-se até chegar os labios á agua, principiou a beber. Mas quando já apagada a sêde, quiz levantar-se, sentiu-se preso pelo queixo e em vão procurou soltar-se.

— Quem é que me prende assim?... exclamou elle.

Ninguem respondeu e na sua frente no crystal da agua vê uma horrivel cara, dois olhos grandes verdes como esmeraldas, uma grande bocca contrahida n'um sorriso bizarro e duas garras que lhe apertam o queixo como tenazes. Affastal-os ou livar-se d'ellas, nem pensar n'isso. Finalmente do fundo d'esse riacho encantado, sae uma voz que diz:

— Todos os teus exforços são inuteis. Só terás a tua liberdade com uma condição; é, que me darás a coisa que tu não conheces e que encontrarás quando chegares a tua casa.

— De boa vontade, respondeu Kojata que imaginava saber tudo que havia na sua casa.

— Lembra-te da tua princeza, continuou a voz, senão terás que te arrepender.

A estas palavras, as garras separaram-se. O rei montou a cavallo e poz-se a caminho. Ao chegar proximo á ca-

pital, todo o povo accorreu ao seu encontro, com musicas, soltando brados de jubilo. Á entrada do palacio estava a rainha e junto d'ella um ministro, tendo nos braços um berço, dentro do qual repousava um lindissimo bébé.

O rei olhou-o estremecendo:

— Eis aqui, murmurou elle o que eu não conhecia, e que hei de abandonar.

E lagrimas grossas como punhos correram-lhe pelas faces. Sem revelar a ninguem a causa da sua cruel emoção, levou o pequenito para o seu quarto. Depois esforçou-se por continuar a existencia habitual, mas foi tudo em vão, porque nunca lhe esquecia a sua fatal promessa. A todo o instante, dia e noite, receiava que fossem roubar-lhe o seu thesouro, o seu filho unico ha tanto tempo desejado. A pouco e pouco, esse receio foi desapparecendo, ao passo que o principe crescia em força e em belleza. Todos o adoravam e chamavam-lhe o gentil Milan. Um dia na caça o principe affastou-se dos seus companheiros, e encontrou-se sósinho no meio d'uma profunda floresta. De subito, d'entre a folhagem sahiu um velho com os olhos verdes e d'aspecto pouco sympathico. Dirigiu-se para o moço caçador e disse-lhe:

— Bons dias, principe Milan; ha muito tempo que desejava vêr-te.

— Quem és tu? perguntou o principe.

— Mais tarde o saberás. Agora volta para o palacio e diz a teu pae que já é tempo de cumprir o que prometteu. Adeus!

O velho desappareceu. O principe voltou para o palacio e contou a seu pae a sua extranha aventura.

— Ah! exclamou o rei, pallido e tremulo, que desgraça, meu querido filho! Tenho que separar-me,

E contou, por entre lagrimas, a promessa que fizera.

— Não chore, meu querido pae, replicou o principe. O mal, com certeza, não é irreparavel. Dê ordem para que me preparem um cavallo e vou partir; espero voltar breve. E não diga a ninguem o nosso segredo, sobretudo a minha mãe, porque seria um grande desgosto para ella. Se dentro n'um anno eu não estiver comvosco é porque morri.

Kojata, cedendo ás suas instancias, deu-lhe um bom cavallo, estribos d'oiro e uma bella espada. A rainha deitou-lhe a sua benção e elle partiu.

Durante tres dias cavalgou sem destino, galopando sempre em frente.

Na tarde do quarto dia, parou junto d'uma montanha, n'uma planicie silenciosa e deserta, onde brilhava, aos raios do sol poente, um lago claro como um espelho. Milan approximou-se e olhou. Trinta lindas raparigas banhavam-se no lago, brincando nas suas limpidas aguas e na margem estavam estendidos trinta vestidos.

O principe apeiou-se do cavallo, passou por entre os cannaviaes, pegou n'um dos vestidos e escondeu-se por detraz d'uma arvore. Alguns instantes depois, as raparigas sahiram da agua, principiaram a vestir-se e affastando-se. A ultima, não encontrando o vestido, tornou a saltar para a agua, procurara por toda a parte.

O principe teve pena d'ella e sahiu de traz da arvore. A rapariga viu-o e disse-lhe:

— Principe Milan, dá-me o meu vestido. Por essa boa acção, serás recompensado.

O principe obedeceu e poz o vestido na margem e retirou-se depois discretamente.

Depois de vestida, a rapariga, approximou-se de Milan e baixando os olhos, córando, disse-lhe:

— Agradeço a tua delicadeza, e como te disse serás recompensado. Chamo-me Helena. As outras raparigas que viste commigo, são minhas irmãs. Nosso pae é o feiticeiro Czernuch, que governa os mundos subterraneos. Tem ricos thesouros e muitos castellos. Ha muito tempo que elle t'espera e está furioso por ainda não lhe teres apparecido. Mas não tenhas medo e segue pontualmente os meus conselhos. Quando chegares em frente do poderoso soberano, lança-te por terra e caminha para elle, de joelhos. Se elle bater o pé, se te ameaçar, approxima-te ainda mais. Não sei ainda o que elle te dirá, mas estarei perto para te auxiliar. Agora partamos.

A bella Helena bateu com o pé no chão, este abriu-se e n'um momento ella desceu com o principe á região subterranea. Ahi fel-o entrar para o palacio de Czernuch, um palacio todo forrado de diamantes, brilhando como um sol. N'um throno estava sentado Czernuch. Os seus olhos eram verdes como folhas de carvalho e em vez de mãos tinha garras.

Conforme com as instrucções da sua protectora, Milan lançou-se de joelhos. O terrivel feiticeiro estava cheio de colera. Os seus olhos despediam faiscas e soltava taes rugidos que as paredes do palacio estremeciam. O principe approximou-se humildemente arrastando-se de joelhos. Então Czernuch, desatando a rir, disse-lhe:

— Está, não serei teu inimigo. Mas é preciso que recebas um castigo por teres tardado tanto. Ámanhã saberás a minha vontade.

Dois creados conduziram, delicadamente, o principe

ao quarto que lhe estava destinado. Como estava muito fatigado depressa adormeceu. No dia seguinte, o feiticeiro mandou-o chamar e disse-lhe:

— Quero vêr a tua habilidade. Durante a noite d'hoje quero que me construas um palacio com o tecto de ouro, as paredes de marmore e as janellas de crystal. Em volta d'esse palacio haverá um jardim com cascatas e um lago com peixes. Se este trabalho fôr bem executado, serei benevolente comtigo. Senão mandar-te-hei cortar a cabeça!

— Ah! maldito feiticeiro, dizia o principe voltando para o seu quarto; condemna-me á morte e ainda zomba commigo.

Escondeu o rosto entre as mãos e ficou todo o dia absorvido no sentimento do seu destino cruel. Era já noite, quando sentiu que batiam na janella. Levantou-se e viu uma abelha batendo nos vidros e dizendo-lhe:

— Abre-me a janella.

Elle abriu e a abelha entrando transformou-se na bella princeza Helena.

— Boa noite, disse ella: porque estás assim tão triste?

— Então não sabes que teu pae me condemnou á morte?

— E que queres tu fazer?

— Sugeitar-me á minha sorte.

— Que ideia! Não desanimes assim. Deita-te e dorme tranquillamente. Amanhã de manhã levanta-te muito cedo e o palacio estará construido; darás uma volta em redor com um martello na mão como se o acabasses de construir.

No dia seguinte, muito cedo Milan levantou-se e viu effectivamente o palacio completamente construido. Czernuch admira-o attentamente e fica maravilhado.

— Sim senhor! disse elle ao principe, és um habil artista.

Entretanto é preciso que eu experimente a penetração do teu espirito. Tenho trinta filhas. Ellas formarão n'uma fila na tua frente. Olhal'as-has uma vez, duas vezes. A terceira vez ou me dizes qual é a mais nova ou te mando cortar a cabeça.

— Bem, pensou o principe, isto é mais agradavel. Como deixarei eu de reconhecer logo á primeira vista a formosa Helena? Nada mais facil.

— Não é tão facil como tu julgas, disse-lhe a abelha. Minhas irmãs e eu somos tão parecidas que mesmo nosso pae se confunde. Mas para que tu te não enganes, á terceira vez que olhares terei na face direita, uma mosca.

No dia seguinte, as trinta filhas são mandadas formar n'uma fileira. O principe olha-as attentamente e não póde distinguir aquella que ama. Examina-a, de novo e o seu embaraço é o mesmo. Emfim á terceira vez, sobre uma branca face elle distingue uma pequenina mosca e voltando-se para Czernuch disse-lhe:

— Eis aqui a mais nova das tuas filhas, a princeza Helena.

— E' protegido pelo demonio, murmurou Czernuch. És muito habilidoso, disse elle a Milan, mas quero experimentar-te ainda d'outra forma. D'aqui por tres horas vem ter commigo. Accenderei um phosphoro e antes que elle seja consumido, quero que me faças um par de botas que me cheguem até ao joelho. Vae preparar-te para este novo trabalho e volta á hora marcada.

O principe retira-se desesperado. A abelha torna a apparecer-lhe.

— Como tu estás triste! disse-lhe ella.

— Ai! Não posso fazer o que teu pae me ordenou e portanto vou morrer!

— Não. Eu amo-te, sou a tua noiva. Ou viveremos juntos ou juntos morreremos. Agora é preciso fugir.

A estas palavras lançou sobre um vidro da janella algumas gottas de saliva que gellaram immediatamente. Depois tomou o seu noivo pela mão e conduziu-o ao sitio onde descera com elle ás regiões subterraneas.

Ahi subiu com elle á margem do lago onde se tinham encontrado. Ainda lá estava o cavallo pertencente ao principe. O pobre animal relinchou de alegria ao reconhecer o dono.

Os dois fugitivos subiram para o cavallo que partiu como uma flecha.

Á hora indicada o feiticeiro esperava Milan e não o vendo apparecer mandou-o chamar por um dos seus servos.

A porta do quarto estava fechada e Helena atirara com a chave para longe. O creado bateu á porta e deu a ordem de seu amo e a saliva collada na janella responde com o som da voz de Milan:

— Já lá vou.

Tres vezes a seguir com alguns minutos de intervallo, o creado voltou a dar o recado e sempre a mesma resposta:

— Já lá vou.

Por fim, Czernuch, furioso, exclama:

O miseravel zomba de mim! Arrombem a porta e tragam-n'o bem amarrado!

Arrombou-se a porta, mas dentro do quarto não estava ninguem.

— Ah! o scelerado! exclama o rei enraivecido. Fugiu; corram apoz elle e se não o alcançarem mandal-os-hei enforcar.

Um instante depois a joven princeza murmurava ao ouvido do seu noivo:

— Ouço passos de cavallo.

O principe pára o cavallo, apeia-se, encosta o ouvido á terra e diz:

— Perseguem-nos e não estão longe.

— Então não ha tempo a perder, replicou Helena.

E logo em seguida transformou o cavallo n'um passaro, o principe n'uma ponte e a ella n'um rio.

Os lacaios, chegando á margem do rio e não vendo vestigios dos fugitivos, voltaram para o palacio subterraneo e contaram o que tinham visto.

— Grandissimos brutos! gritou Czernuch: essa ponte e esse rio eram elles. Vão, tornem a partir e não voltem sem elles.

Um instante depois, a princeza disse ao seu bem amado:

— Sinto passos de cavallos.

O principe prestou tambem attenção e respondeu:

— Perseguem-nos e não vem longe.

Immediatamente Helena transformou a si, a Milan n'uma vasta floresta, onde havia uma encruzilhada. Por um dos atalhos apparece um homem e uma mulher sobre um fogoso cavallo.

— Elles alli vão, dizem os enviados do terrivel soberano, e lançam-se atraz d'elles a todo o galope.

Mas tantas voltas dão que no fim de muito tempo os lacaios encontram-se á entrada das regiões subterraneas sem nada terem podido alcançar.

— Ah! miseraveis! exclamou Czernuch ao vel-os, sereis todos enforcados. E agora vou eu e hei-de apanhar os desertores.

Um instante depois diz Helena:

— Ouço os passos d'um cavallo.

— Perseguem-nos, responde Milan, e de muito perto.

— Estamos perdidos! exclama a joven, é meu pae. Mas o seu poder acaba logo que encontre a primeira egreja. Não póde passar essa barreira.

Um momento depois, Czernuch, vendo um eremita, diz-lhe:

— Reverendo padre, não viste passar um homem e uma mulher a cavallo?

— Sim, o principe Milan e a princeza Helena. Elles apeiaram-se e estão rezando n'esta egreja.

— Maldição, disse o rei enfurecido, se eu lhes podesse torcer o pescoço!...

E tornou a descer ao seu reino subterraneo; e para se vingar mandou enforcar os creados.

Os dois amantes continuam tranquillamente o seu caminho e chegam em frente d'uma bella cidade.

Milan quer ir vel-a.

— Ah! diz a princeza. Peço-te que não vás lá. Tenho um presentimento fatal.

— Vamos vêl-a, replicou o principe, e depois continuaremos a nossa viagem.

— Olha que entrar alli é facil, mas sahir é muito difficil. Mas já que assim o queres vae. Esperar-te-hei aqui. O rei d'essa cidade e a rainha virão ao teu encontro. Trarão com elles uma formosissima rapariga. Toma cuidado. Se a abraçares, immediatamente esquecerás tudo que se tem pas-

sado entre nós. E então morrerei de desgosto! Vae, esperar-te-hei aqui tres dias. Se no fim d'esses tres dias não tiveres voltado... Mas, vae, visto que assim o queres.

Conforme promettera, Helena transformou-se n'uma pedra e esperou um, dois, tres dias e Milan não appareceu.

A fatal predicção realisara-se. Entrando na cidade, viu o rei, a rainha e uma linda rapariga que vinham ao seu encontro. Deslumbrado pelo olhar, pelo sorriso e pela admiravel belleza da princeza, Milan beijou-a na face. Immediatamente se esqueceu da sua querida Helena.

— Ai! murmurava a pobre rapariga, elle abandona-me. Já nada tenho a esperar n'este mundo. Quero morrer; vou trasformar-me n'uma pequena flôr campestre, ficarei no meio do caminho e os que passem esmagar-me-hão com os pés.

Em seguida transformou-se. Pouco depois passa nm velho que pára a olhar para uma florinha sobre a qual brilha uma lagrima, como uma gotta de orvalho. A' flôr agradou-lhe. Desenterrou-a cuidadosamente do chão, collocou-a n'um vaso, muito satisfeito de a possuir, sem comtudo presumir o que ella lhe daria.

Desde que ella entrou na sua rustica habitação, todas as manhãs, tudo apparece cuidadosamente varrido e limpo. A' hora da comida, por uma mão invisivel a meza apparece posta e abundantemente servida. Elle gosa de todas estas maravilhas, mas gostava de saber a quem as devia. O velho conhece uma feiticeira e portanto resolve-se a ir consultal a.

— Acorda ámanhã, antes que o gallo cante, disse-lhe a feiticeira. Olha attentamente em volta de ti, e a primeira coisa que vires mecher atira-lhe logo com este lenço.

No dia seguinte, de manhã, assim que rompeu o sol, a florinha azul sae do seu vaso e anda d'um lado para o

outro, limpando os moveis e accendendo o lume. O velho levantou-se, atira-lhe com o lenço que a feiticeira lhe dera, e em logar da florinha, apparece deante d'elle uma linda rapariga.

— Ah! exclamou ella. Para que me chamaste tu á vida? O principe Milan devia casar commigo e esqueceu-me completamente.

— O principe Milan, disse o velho, vae casar e de toda a parte estão chegando convidados para assistirem ás suas reaes bodas.

A fiel Helena chorou amargamente, depois com uma repentina resolução, enchugou as lagrimas e disfarçada em camponeza dirigiu-se para a cidade. Entrou na cosinha do palacio e approximando-se modestamente do cosinheiro em chefe, disse-lhe:

— Dá-me licença que eu faça um bolo de casamento para o principe Milan?

O cosinheiro estava pouco disposto a acceitar uma tal proposta; mas quando deparou n'aquella camponeza tão nova e tão bonita, respondeu-lhe galantemente:

— Pois bem, minha linda pequena, faz o bolo do casamento. Eu proprio o levarei ao principe.

Todos os convidados estavam á meza. O chefe da cosinha, avança com toda a solemnidade, levando n'uma bandeja de prata um bolo que tem o formato d'uma coroa. Todos admiram aquella bem acabada peça.

O principe, em frente do qual o cosinheiro collocou a bandeja, parte o bolo ao meio e de dentro sahem duas andorinhas, macho e femea, que correm saltando por sobre a meza.

A femea corre atraz do macho, dizendo-lhe:

— Não fujas, não fujas. Senão esqueces-me assim como o principe Milan esqueceu a sua Helena.

A estas palavras o principe recupera a sua memoria. Levanta-se, corre á porta onde o espera a sua noiva.

Sob as janellas do palacio está o seu fiel cavallo, escavando a terra com impaciencia. O principe salta-lhe para a sella com Helena e ambos se dirigem a galope para o reino de Kojata.

O rei e a rainha recebem-os chorando de alegria, e o seu casamento celebrou-se com um esplendor nunca visto!

FIM.

OUTRAS HISTORIAS Á VENDA NA LIVRARIA POPULAR PORTUENSE

Porto—Imp. Nacional—R. da Picaria, 35